

A batalha dos autismos. Um diálogo entre estudos psicossociais e comunicacionais, caminhos possíveis¹

Suelen de Aguiar SILVA²
Universidade Estácio de Sá, RJ

RESUMO

Este ensaio aborda a formação do sujeito humano através das constituições e transformações autísticas, sob uma ótica psicossocial, e sua relação com a comunicação voltada para a cidadania. Destaca-se a reflexão sobre como a sociedade contemporânea cria e marginaliza aqueles considerados “estranhos”, especialmente no contexto cultural e social. Utilizando evidências clínicas e teóricas, incluindo Sigmund Freud, Éric Laurent, Zygmunt Bauman, Martin Buber e Muniz Sodré, o ensaio propõe uma análise crítica da produção de estranhos, enfatizando a comunicação como essencial para a expressão criativa e narrativa da própria história desses sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: A batalha dos autismos; estranhos; transformações autísticas; comunicação para a cidadania; psicanálise.

INTRODUÇÃO

A compreensão dos autismos e suas múltiplas manifestações tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. No presente ensaio exploro a constituição do sujeito humano através das transformações autísticas, sob uma perspectiva psicossocial, e seu vínculo com a comunicação voltada para a cidadania. O objetivo é refletir sobre como a sociedade contemporânea produz e exclui aqueles que são considerados “estranhos”, especialmente no contexto educacional global, onde vivenciamos uma verdadeira batalha dos autismos. A autora utiliza evidências clínicas de abordagem psicanalítica e leituras de teóricos como Sigmund Freud, Éric Laurent, Zygmunt Bauman, Martin Buber e Muniz Sodré para analisar as interações entre psicanálise e comunicação na constituição das subjetividades autísticas. Este ensaio preliminar propõe uma reflexão crítica sobre a inclusão e pseudoinclusão de indivíduos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos Cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da Universidade Estácio de Sá, email; suelen.aguiar@estacio.br

autistas na sociedade, destacando a importância da comunicação para a cidadania e as potencialidades criativas do ser humano como narrador de sua própria história.

Subjetivações e complexidades psicossociais

Refletir sobre a constituição do sujeito a partir do devir psicanalítico é uma forma privilegiada de interpretação da realidade social. Incluir a comunicação em sua dialogicidade de “por em comum” à hermenêutica psicanalítica pode corroborar para o entrecruzamento de saberes e para uma prática centrada nas potencialidades criativas do ser humano como narrador de sua história de vida. Há mais de 120 anos o neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) interessava-se pelos aspectos psicológicos de doenças nervosas. Ou seja, interessava-se pela interpretação de forças inconscientes do psiquismo a fim de trazer à tona o trauma responsável pela neurose, ou seja, o conflito que constitui o sujeito.

Como método de interpretação a psicanálise trabalha com a investigação do inconsciente, ou seja, busca evidenciar o significado dos processos mentais, das palavras, sonhos, fantasias, atitudes etc. Para tanto, os estudos psicanalíticos a partir da investigação do inconsciente partem de algumas proposições: os processos inconscientes afetam significativamente a vida consciente, mas de forma que o sujeito não dê conta dessas manifestações; o inconsciente desempenha papel importante nas ações humanas; o esforço da psicanálise consiste em tornar consciente o inconsciente.

Todavia, tratar da questão do que é o sujeito implica abordar o modo como o sujeito se constitui. Na e para a psicanálise tal registro é chamado de processo de constituição do sujeito. Já na perspectiva filosófica o conceito de sujeito é concebido no registro do eu, ou seja, inscrito no campo da consciência. Assim, o autocentramento do sujeito no eu e na consciência é o marco cartesiano, com a célebre formulação “penso, logo sou”, que atribui ao eu o seu reinado, subjugando o conceito de inconsciente, ficando este reduzido a uma espécie de consciência desconhecida. A filosofia ocidental define o sujeito como sendo “o sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência. A psicanálise subverteu esta ideia acerca do sujeito, em vigor até a invenção freudiana, e formulou o descentramento do sujeito, tanto em relação à consciência como em relação ao eu. O sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, delineado por Freud por meio da noção do inconsciente, como já fora mencionado. Sujeito este marcado e movido pela

falta, distinto do ser biológico e do ser da filosofia. De acordo com Cabas (2009) o sujeito em psicanálise atravessa, em toda sua extensão, a doutrina analítica. Por momentos, aparece como uma referência implícita. Em outros, como um núcleo central da teoria, mas em todos os casos representa um fundamento clínico. Na obra de Freud a noção de sujeito é uma referência permanente e sempre presente, ou seja, uma referência constante, porém, implícita. De acordo com Garcia-Roza (2009) as noções de sujeito e de subjetividade constituem a própria essência do que se denomina campo psicanalítico, composto por duas regiões que não admitem um desmembramento absoluto, a saber, aparelho psíquico e campo pulsional. A primeira das duas regiões o psiquismo, formada pelos sistemas: pré-consciente consciência e inconsciente é, de hábito, compreendida como a própria subjetividade. Segundo Garcia-Roza (2009) cada subjetividade, considerada em si mesma, “é uma mônada e, portanto, incomunicável. O que permite a comunicação entre elas é o inconsciente, concebido como esse Outro, como Ordem simbólica, articulador das subjetividades individuais” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 228). Entretanto, não há como segmentar completamente uma região psíquica da outra e quando falamos do aparelho psíquico, logo há a referência aos representantes pulsionais que constituem esse aparelho em sua articulação ao registro do simbólico e, portanto, à linguagem. Assim, a segunda região, o campo das pulsões, está também implicada na constituição da primeira, o aparelho psíquico (TOREZAN; AGUIAR, 2011, p.529).

Daí, lançamos a pergunta: como surge o sujeito? Ou melhor, como surge o sujeito autista? A partir das relações e dos diálogos fundantes. Sendo assim, relacionalidade e vivência dialógica são essenciais para o processo de individuação. Isto é, de tornar-se sujeito, em outras palavras, o caminho para tornar se si mesmo. Tais diálogos fundantes são constituídos a partir das perspectivas intrapessoal, interpessoal e da relação com o mundo. Vejamos, a primeira trata-se da viagem que nos leva a nós mesmos. É um processo que dura a vida toda. Consiste no desafio de adquirirmos consciência de nosso próprio mundo interior, de nosso mistério, de nossas contradições, das forças antagônicas que atuam dentro de nós e regulam decisões e sentimentos.

O caminho para si mesmo é um caminho de aprendizado. É tanto de formação como de informação. Dito claramente, de produção de si e de autoconhecimento. Um dos objetivos da psicanálise é desafiar o analisando a entregar se à busca do processo de individuação, superando as barreiras que bloqueiam o processo de amadurecimento. Um

segundo objetivo, consiste em contribuir para o empoderamento do sujeito a fim de auxiliá-lo na vitória contra os obstáculos que bloqueiam o processo de desenvolvimento, resultando, portanto, na emergência de uma pessoa mais autônoma e autêntica. O diálogo interpessoal diz respeito ao outro, o seja, o outro é aquele que me convoca, que me faz sair do enclausuramento em mim mesmo. Precisamos ser interpelados, chamados não somente para saber quem somos, mas o que somos. Logo, o outro “não é um inferno.” Já que autonomia subjetiva não se constrói na recusa do outro, mas na relação com o outro.

Refletimos sobre um ser humano autônomo, inteiro, autêntico e, ao mesmo tempo, capaz de manter relações significativas. O tornar se si mesmo não pode ser visto como algo que exclui o mundo dos outros. Relação e individuação são duas realidades que não podem ser separadas. No entanto, sobre a relação com o mundo para além da relação eu tu, encontra-se a relação do indivíduo com outros seres humanos (os que não estão diretamente em contato conosco), e em última instância também com o mundo. Freud aborda essa questão no texto *O mal-estar na civilização* (1929/1930). Na obra Freud reflete sobre a cultura, a felicidade e a culpa, além de destacar o antagonismo irremediável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização. Dessa forma, todos devem estar lembrados que Freud (1929/2007f), já se ocupando dos aspectos concernentes ao enlace entre o sujeito e a cultura, indicou e preconizou as dificuldades relativas à organização social no artigo *O Mal-estar na Cultura*. Nesse texto, ele afirma que a cultura tem como uma de suas funções regular as relações dos homens entre si, mas que sua instauração depende exatamente da renúncia à satisfação pulsional, especialmente a renúncia à agressividade.

Assim, a insatisfação é colocada como uma condição prévia para a cultura e denominada de frustração cultural. No mesmo artigo, enuncia que a perda da felicidade, através do sentimento de culpabilidade engendrado pela cultura, é o preço pago pela evolução cultural (TOREZAN; AGUIAR, 2011, p.545). Nesta obra singular, Freud (1929) afirma que um dos objetivos da cultura é regular as relações dos homens entre si, mas que isso ocorra faz-se necessário a renúncia da satisfação pulsional, especialmente a renúncia à agressividade. Desse modo, a insatisfação é posta como uma condição preliminar. No mesmo texto, conforme já fora mencionado Freud suscita que a perda da felicidade, através do sentimento de culpa do sujeito humano permeado pela cultura é o preço pago pela evolução cultural. Com Freud (1929) temos o entendimento de que a

vida é dura, e que o sofrimento nos ameaça exatamente por três caminhos, ou seja, a decrepitude do próprio corpo, o mundo exterior e as relações com os outros.

Todavia, segundo Torezan e Aguiar (2011, p. 545-546) o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos, soma-se a constatação de que a finalidade de evitar o sofrimento se sobressai àquela da busca pelo prazer, a despeito de considerar que a procura de uma satisfação ilimitada é uma norma de conduta tentadora. Freud aborda três formas principais de diminuição desse sofrimento: distrações que fazem parecer pequena a miséria humana, satisfações substitutivas que tendem a reduzir a miséria humana, e os narcóticos que nos tornam insensíveis a ela. Além dessas questões Freud também aborda sobre o isolamento social como forma de evitar o sofrimento advindo dos relacionamentos humanos.

Pensar com Freud e em Freud nos traz a perspectiva de olhar para o sujeito humano de acordo com a sua constituição histórica e cultural do seu tempo. Nos tempos hodiernos abordar o isolamento social, nos remete particularmente aos sujeitos atípicos, ou seja, aqueles que se afastam de uma certa normalidade, do característico; anômalo, incomum, raro e estranho, conforme nomenclatura utilizada por Zygmunt Bauman (1998) para dissertar acerca dos sujeitos que não se encaixam no mapa cognitivo, moral e estético do mundo como veremos adiante.

Troca comunicativa?

Situar a relação eu e tu no âmbito da hermenêutica psicanalítica e ou psicossocial é uma das formas de compreensão da troca comunicativa, oriunda das relações inter-humanas e sociais. Em Buber (1974), o eu e tu é conformado pelo diálogo, pela palavra, mas não sentido de descrição das atitudes humanas, mas no sentido do que acontece essencialmente entre os seres humanos e entre o homem e Deus. Em termos buberianos a palavra é dialógica, e o que vai exprimir a sua dialogicidade é exatamente o entre. Buber (1974) entende a palavra para além do seu significado semântico e de sua estrutura, ou seja, atribui a ela o sentido de portadora de ser. Todavia, é pelo intermédio da palavra que o homem é assentado na existência. De acordo com Von Zuben (1974, p.15) tradutor da obra *Eu e Tu*, no Brasil, a palavra não é conduzida pelo homem, mas é ela que o mantém no ser. Ele afirma que para Buber “a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem”.

Entendemos então, a palavra como princípio norteador e como fundamento da existência humana.

De forma geral, para Martin Buber (1974) a palavra como princípio está atrelada a categoria ontológica do entre e a palavra como diálogo é a fundamentação da relação humana. O que o autor da filosofia do diálogo visa a apresentar é uma ontologia da existência humana, explicitando a existência dialógica ou a vida em diálogo. Segundo Von Zuben (1974) as principais categorias desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão liberdade, inter-humano. Acrescentamos às principais categorias citadas, a comunidade, ou o sentido de comunidade, discorrido por Buber (1974. p.52): a verdadeira comunidade não nasce do fato de que as pessoas têm sentimentos umas para com as outras (embora ela não possa, na verdade, nascer sem isso), ela nasce de duas coisas: de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo e de estarem unidos uns aos outros em uma relação viva e recíproca. A segunda resulta da primeira; porém não é dada imediatamente com a primeira. A relação viva e recíproca implica sentimentos, mas não provém deles. A comunidade edifica-se sobre a relação viva e recíproca, todavia o verdadeiro construtor é o centro ativo e vivo.

Em outras palavras, para Buber (1974) a comunidade deve ser um fim em si mesma e não um instrumento para se chegar em outros lugares ou em outros objetivos. Conforme já apontamos, o homem é livre para fazer suas escolhas e em Buber (1987, p. 39) a comunidade também deve ser mantida por meio de escolhas. Para Muniz Sodré (2002, p.178) a comunidade pressupõe continuidade, e assim como Buber (1974), afirma que seus atributos não são necessariamente derivados de uma entidade ou da propriedade de uma substância comum, como laço de sangue, territorial ou cultural, por exemplo. No entanto, Sodré afirma que: [...] e, sim da partilha de um munus, que é a luta comum pelo valor, isto é, pelo que obriga cada indivíduo a obrigar-se para o com o outro. Tal é dívida simbólica, transmitida de uma geração para outra por indivíduos imbuídos da consciência de uma obrigação, tanto para com os ancestrais (os pais fundadores) quanto para com os filhos (os descendentes, que perpetuam a existência do grupo) (SODRÉ, 2002, p.178). Martin Buber (1974) fala de relação para abordar a existência humana, a vida em diálogo. Em contrapartida, Muniz Sodré (2002, p.223) fala em vinculação social, ou seja, a radicalidade da diferenciação e aproximação entre seres humanos. Todavia, relação e vinculação, ambas, estão fundamentadas na força do

comum (munus) e fundamentam o sentido de existência da comunidade. E a comunicação, em última instância, também é fundamentada no comum.

Comungamos com o pensamento de Bordenave (2002, p.10), quanto afirma que a comunicação é a força que dinamiza a vida das pessoas e das sociedades e que [...] “entusiasma, dá status, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e – num paradoxo digno de sua infinita versatilidade – produz até incomunicação”. Nesse ínterim, a perspectiva comunitarista é importante para a reflexão sobre o papel do sujeito na sociedade pós-moderna, refletida a partir das contribuições de Zygmunt Bauman (1998). No entanto, tal perspectiva não é uma fórmula e nem é tão fácil de ser alcançada, é um processo, é o entre da relação. Já que se tem como pano de fundo o mal-estar pós-moderno oriundo das mudanças de cunho econômico, social, cultural e tecnológico de que fala Bauman, a partir das contribuições de Freud em *O mal-estar na civilização* (1929). A sociedade, certamente, produz os seus próprios estranhos e os anula quando não possuem serventia.

Para Bauman (1998, p. 29) algumas pessoas nunca serão convertidas em alguma coisa mais do que são. Estão, por assim dizer, fora do alcance do reparo. Não se pode livrá-las de seus defeitos: só se pode deixá-las livres delas próprias, acabadas, com suas inatas e eternas esquisitices e seus males. Desse modo, de acordo com Bauman (2009, p. 30) o projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Quando refletimos sobre tal assertiva, principalmente, sobre a “produção de estranhos”, nesse texto, estamos focando nosso olhar para uma parcela da população brasileira muitas vezes, vilipendiada dos seus direitos e amparos e proteções legais, principalmente o sujeito com transtorno do espectro autista (TEA).

A saber, o TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. A etiologia do transtorno do espectro autista ainda permanece desconhecida, embora muitos pesquisadores e cientistas ao redor do mundo têm realizado muitas investigações sobre as possíveis causas do transtorno. Evidências científicas apontam que não existe uma única causa, mas sim a confluência de fatores genéticos e ambientais.

No entanto, quando voltamos em Buber que orienta que a vida precisa ser vivida em diálogo percebemos que nem sempre os sujeitos autistas independentemente do

nível de suporte: um, dois ou três conseguem viver dessa maneira, pois muitas vezes, o próprio Estado, bem como a sociedade civil rejeita e exclui a subjetivação dessas pessoas. Mas o que isso tem a ver com a troca comunicativa? Tem tudo a ver, principalmente, quando entendemos que é a própria comunicação que faz a máquina, ou seja, o sistema capitalista girar e produzir e descartar seus estranhos. E com Bordenave, percebemos que a comunicação midiática tem se comportado como capacitista, é claro, que o autor não disse exatamente isso, mas fazendo alusão à sua frase de que a comunicação é tão poderosa que pode produzir até incomunicação.

De forma geral, o capacitismo é qualquer tipo de ação que visa discriminar ou gerar preconceito social contra pessoas com deficiência (PCDs), por meio de termos e expressões pejorativas que as classifiquem como inferiores a outras pessoas. Em contrapartida, a concepção pós-moderna da sociedade é aludida a noção de que é mais importante ter do que ser. Entretanto, para Sodré (2002, p.157) a interpretação psicanalítica do “eu”, como uma centralidade unificada da personalidade não é matéria pacífica. Sodré afirma ainda que Freud é o primeiro a apresentar uma visão de descentramento radical do eu. Seguindo essa linha de raciocínio distinguindo a visão psicanalítica da psicológica, recorre a Lacan, para afirmar que o “eu” é algo fundamentalmente caótico, “como uma desordem onde, numa série de identificações alienantes, ele se constitui”. Voltamos a Buber, o filósofo do diálogo, para resgatar a noção do eu e tu como parte do processo de subjetivação. Temos uma dívida simbólica com o outro, para retomamos Sodré (2002), aquele outro que nos afasta, nos aproxima e ao mesmo tempo nos constitui, conformando assim a nossa alteridade.

Considerações finais

Assim, apostando e legislando em causa própria, o sujeito da contemporaneidade investe suas energias na máxima de que todo o gozo é possível e deve ser alcançado. Essa assertiva é veiculada na cultura pelas mais diversas vias, principalmente, pela via midiática, e está em alto grau acoplada aos progressos técnico-científicos, conforme Torezan e Aguiar (2011). Cada vez mais, a tecnologia, em nome da ciência, ou ainda, a ciência em nome do avanço tecnológico, trabalha no sentido da manipulação, do controle, da racionalização e, portanto, da exclusão do sujeito, principalmente, como abordamos de forma muito ensaística nesse texto, os sujeitos autistas. Nosso intento é abrir um diálogo entre a comunicação voltada para a cidadania

e a psicanálise na condição de clínica de cultura para a partir de então, termos um olhar diferenciado nos espaços sociais, na academia, nas escolas e produzir um debate profícuo, principalmente, nos congressos que visam debater e discutir a comunicação social como um elemento e empreendimento imprescindível para a evolução do sujeito humano.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Aloísio. Introdução à psicanálise. Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil. s/d. Apostila.

BUBER, Martin. Eu e tu. 2ª. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1974. BUBER, Martin. Sobre Comunidade. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. Além dos meios e mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia e ciência. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BATISTA, William. O devir da verdade: fundações da filosofia. Rio de Janeiro: letra Capital, 2012. p.161-169.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GARCIA-ROZA, Luiz A. Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LAURENT, Éric. A batalha do autismo. Da clínica à política. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TOREZAN, Zeila C; AGUIAR, Fernando, O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza - Vol. XI - Nº 2 - p. 525 - 554 - jun/2011.